

VIDAS DESLOCADAS: O EXÍLIO EM *DOIS IRMÃOS*, DE MILTON HATOUM E *O PLANALTO E A ESTEPE*, DE PEPETELA

Aparecida Cristina da S. Ribeiro (PPGEL/UNEMAT)¹⁶

RESUMO: Neste artigo, objetivamos discutir a ideia de deslocamento nos romances *Dois irmãos* (2000), de Milton Hatoum e *O planalto e a estepe* (2009), de Pepetela, analisando como o exílio é um tema que se encontra presente nas narrativas de ambos os autores. Para isso, fazemos um passeio pela literatura contemporânea do Brasil e de Angola através de uma leitura comparada dos romances tendo como base o conceito *macrossistema* literário, de Benjamin Abdala Junior (2003), uma base crítica que nos permite aproximar os sistemas literários de língua oficial portuguesa. Como embasamento teórico e crítico para refletir sobre a temática proposta, traremos uma leitura dos seguintes ensaios: *Reflexões sobre o exílio* (2003) e *Exílio intelectual: expatriados e marginais* (2005), de Edward Said.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Comparada; M. Hatoum; *Dois irmãos*; Pepetela; *O planalto e a estepe*.

ABSTRACT: In this article we aim to discuss the idea of shifting the novels *Dois irmãos* (2000), of Milton Hatoum and *O planalto e a estepe* (2009), of Pepetela, analyzing how exile is a theme that is present in the narratives of both authors. For this, we do a tour of the contemporary literature of Brazil and Angola through a comparative reading of novels based on the concept of *literary macrosystem*, of Benjamin Abdala Junior (2003), which allows us to approach the literary systems of speaking countries Portuguese. As a theoretical and critical foundation to reflect on the proposed theme, it will bring a critical reading of the following texts: *Reflections on exile* (2003) and *Intellectual Exile: Expatriates and marginal* (2005), of Edward Said.

KEY-WORDS: Comparative Literature; M. Hatoum; *Dois irmãos*; Pepetela; *O planalto e a estepe*.

“Cada pessoa vive sua vida em determinada língua; suas experiências, em função disso, são vividas, absorvidas e lembradas nessa língua”.
(*Fora do lugar*, Edward Said).

A literatura contemporânea do Brasil e de Angola tem ganhado vários nomes importantes no meio literário e intelectual, o que faz do macrossistema literário de língua portuguesa um amplo espaço de pesquisas que aproximam os países de língua oficial portuguesa. Com histórias um pouco parecidas, Brasil e Angola são países que têm tantas

¹⁶ Doutoranda em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – PPGEL/UNEMAT. Inscrita na linha de pesquisa: Literatura e Vida Social nos Países de Língua Portuguesa, Bolsista Capes.

‘estórias’ em comum, como diz os escritores africanos. Essa proximidade verifica-se principalmente na poesia, lugar privilegiado para os múltiplos diálogos tecidos entre as literaturas africanas e a brasileira.

O crítico brasileiro Benjamin Abdala Junior, em sua obra crítica *De vôos e ilhas: literatura e comunitarismos* (2003, p. 103), ao fazer uma comparação entre escritores engajados das literaturas de língua portuguesa, afirma que “quem inicia o estudo comparativo das literaturas dos países de língua oficial portuguesa depara-se, de imediato, com uma tradição histórico-cultural comum que permeia as suas produções artísticas”.

É dentro dessa dinâmica da comunicação em português, que envolveu historicamente constantes semelhantes da série ideológica, que podemos apontar para a existência de um macrossistema marcado como um campo comum de contatos entre os sistemas literários nacionais. Quando aproximamos os sistemas nacionais, é por abstração que chegamos a esse macrossistema que se alimenta não apenas do passado comum, mas também do diverso de cada atualização concreta das literaturas de língua portuguesa. (ABDALA JUNIOR, 2003, p. 103).

Para os objetivos deste trabalho, utilizamos o conceito de *macrossistema* no sentido atribuído por Abdala Junior e aplicado no estudo da literatura, tal concepção nos permite aproximar Brasil e Angola, e na perspectiva crítica comparatista, desenvolver uma leitura dos romances *Dois irmãos*, de Milton Hatoum e *O planalto e a estepe*, de Pepetela, narrativas que são nosso objeto de investigação literária na pós-graduação.

Neste estudo, interessa-nos, particularmente, discutir a literatura produzida a partir da segunda metade do século XX, em que temos no Brasil o surgimento de muitas obras que nos permite refletir sobre o conflituoso processo político e social em que muitos artistas e escritores foram exilados do país por motivações políticas. Em Angola, essa época não foi tão diferente. Se no Brasil havia a ditadura militar, em Angola, o colonialismo português, entre as décadas de 1960 a 1970, a colônia vivenciava o período talvez mais crítico, em que as lutas travadas pela libertação colocavam em cheque um poderio de séculos. Com todas as restrições e desmandos, intelectuais angolanos aderiram às lutas de libertação nacional, como aconteceu com o próprio Pepetela. E a literatura, como bom instrumento de imaginação e liberdade, tornou-se uma forte arma de luta contra as impunidades políticas e sociais.

A literatura contemporânea nos suscitam indagações de múltiplas instâncias, como as constantes perdas de um lugar estável, referências e instabilidades, como por

exemplo, a fragmentação das personagens, das narrativas e do próprio ato de narrar. Essas são características que podemos encontrar principalmente na ficção do escritor brasileiro Milton Hatoum e do angolano Pepetela, como também em outros escritores da contemporaneidade. A ficção de ambos apresenta-nos uma constante movimentação, marcada por deslocamentos e itinerâncias de seres ficcionais. Suas personagens são criaturas nômades, o que não permite mais entendê-las como estáveis e fixas, mas sim seres em transitoriedade. É nesse universo ficcional que são construídas as narrativas e as personagens de Milton Hatoum e Pepetela.

O escritor Milton Hatoum nasceu em Manaus e é descendente de uma família de origem libanesa. Entrou para o universo da ficção literária brasileira e destacou-se com a publicação de seu primeiro romance *Relato de um certo oriente* publicado em 1989, Jabuti em 1990 de melhor romance. Após a publicação do primeiro romance Hatoum desenvolve e amplia o seu projeto literário de ficção com a publicação de outros romances, *Dois irmãos* (2000), prêmio Jabuti de melhor romance em 2001 e *Cinzas do norte* (2005), vencedor em 2006 dos prêmios Jabuti, Portugal Telecom e Bravo, de literatura. Publicou a novela *Órfãos do eldorado* (2008), o seu primeiro livro de contos *A cidade ilhada* (2009) e recentemente lançou um livro de crônicas, *Um solitário à espreita* (2013). É atualmente um dos escritores mais representativos da produção literária brasileira contemporânea e o interesse pela literatura do escritor tem ampliado a cada dia no âmbito da crítica brasileira e internacional, o que demonstra a qualidade inquestionável de suas obras.

Assim como Milton Hatoum, Pepetela também é um dos nomes mais representativos da literatura contemporânea de Angola. Prêmio Camões em 1997 pelo conjunto de suas obras, Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, mas conhecido no universo literário pelo pseudônimo Pepetela, é autor de uma vasta produção literária. Podemos afirmar que é considerado, no sistema literário de Angola, um escritor canônico. Por ordem de publicação, suas produções narrativas são as seguintes: *As Aventuras de Ngunga* (1973), *Muana Puó* (1978), *Mayombe* (1980), *O Cão e os Caluandas* (1985), *Yaka* (1985), *Lueji* (1989), *A Geração da Utopia* (1992), *O desejo de Kianda* (1995), *Parábola do cágado velho* (1997), *A Gloriosa Família* (1997), *A Montanha da Água Lilás – juvenil* (2000), *Jaime Bunda, agente secreto* (2001), *Jaime Bunda e a morte do americano* (2003), *Predadores* (2005), *O terrorista de Berkeley, Califórnia* (2007), *Contos de morte* (2008), *O planalto e a estepe* (2009), *Ao Sul, o Sombreiro* (2011), *O*

tímido e as mulheres (2014). Além dos romances, Pepetela também escreveu peças de teatro, *A corda* (1978) e *A revolta da casa dos ídolos* (1980).

Em plena atividade produtiva, tanto Milton Hatoum quanto Pepetela, na atualidade, são dois grandes representantes da produção contemporânea dos sistemas literários em língua portuguesa. Suas criações inscrevem-se nas produções artísticas produzidas no final do século XX e início do XXI, com narrativas que refletem através da arte as crises e instabilidades políticas, sociais e históricas do homem na sociedade, problematizando a vida e os seres de ficção, tornando-se assim literaturas de ênfase político-social.

Após revelar ao público os segredos e dramas na vida de uma família descendente de libaneses, em que a matriarca Emilie é a base para o desenvolvimento do seu primeiro romance *Relato de um certo oriente* (2008), e dos outros posteriores, Milton Hatoum em sua segunda obra, *Dois irmãos* (2000), nos traz novamente a história em que o drama familiar é motivo para desencontros, deslocamentos e exílios na vida de personagens do romance. Narrado em primeira pessoa por Nael, filho de Domingas, a empregada de uma família burguesa comandada pela matriarca Zana, Nael decide após algum tempo contar a história de Zana e Halim, que migram para o Brasil e se instalam no estado do Amazonas.

Ambientado em Manaus, o enredo desenvolve-se em torno da vida familiar, de modo que todas as histórias e principalmente as lembranças de Nael permeiam o espaço afetivo, íntimo e também social, sua convivência com os gêmeos Yaqub e Omar e com a bela Rânia, filhos de Zana e Halim. O motivo que leva Nael a construir a narrativa é a busca incessante de descobrir qual dos gêmeos é seu pai, pois a não identificação e a falta de reconhecimento da paternidade o faz ser alguém sem identidade. É a angústia de sua busca identitária que move-o a revelar os dramas da família de Zana, uma história que também é sua.

Dois irmãos é um romance que se inicia pelo fim, com uma espécie de prefácio, em que o narrador já aponta aos leitores uma prévia da decadência humana e dos vínculos familiares dilacerados. E Zana, é o fio condutor na obra que vai puxando as lembranças do narrador, como também de outras personagens do romance, que contribuem com os relatos de Nael para a construção da história.

Zana teve de deixar tudo: o bairro portuário de Manaus, a rua em declive sombreada por mangueiras centenárias, o lugar que para ela era quase tão vital quanto a Biblos de sua infância: a pequena cidade no Líbano que ela recordava em voz alta, vagando pelos aposentos empoeirados até se perder no quintal, onde a copa da velha seringueira sombreava as palmeiras e o pomar cultivados por mais de meio século. (HATOUM, 2000, p. 11).

A reconciliação com o passado e o reconhecimento do seu lugar na família faz com que Nael quebre o silêncio de longos anos para lançar sua procura em meio aos conflitos e segredos, que faz do romance de Milton Hatoum uma história em que amor e ódio são sentimentos traduzidos em uma linguagem literária bem elaborada para despertar nos leitores uma verdadeira reflexão sobre a complexidade da vida humana.

Eu não a vi morrer, eu não quis vê-la morrer. Mas alguns dias antes de sua morte, ela deitada na cama de uma clínica, soube que ergueu a cabeça e perguntou em árabe para que só a filha e a amiga quase centenária entendessem (e para que ela mesma não se traísse): “Meus filhos já fizeram as pazes?”. Repetiu a pergunta com a força que lhe restava, com a coragem que mãe aflita encontra na hora da morte. (HATOUM, 2000, p. 12).

O ódio milenar entre irmãos é o tema que move os conflitos familiares entre os gêmeos Yaqub e Omar sendo, portanto, a motivação que faz com que os patriarcas tomem a difícil decisão de exilar o próprio filho em terras distantes do outro lado do oceano, o Líbano. O exílio forçado de Yaqub torna-se uma cicatriz invisível em sua vida, além da que traz em seu rosto como sendo a marca física do conflito trágico entre ele e o irmão.

Em *O Planalto e a Estepe* (2009), Pepetela traz “a história real de um amor impossível” de dois jovens, Julio Pereira, um estudante angolano e Sarangerel, uma estudante mongol, que se conhecem em Moscou, quando desenvolviam estudos universitários na capital Russa. O romance parece ser um desdobramento da obra que é considerada um grande marco na sua produção literária, *A geração da utopia* (2013). A diferença é que na segunda, temos a história de quatro jovens angolanos que deixam Angola para estudar na metrópole portuguesa, na década de 1960, frequentam a Casa dos Estudantes do Império, entram em contato com as ideias revolucionárias de libertação e decidem lutar por uma Angola liberta e igualitária. Enquanto que em *O planalto e a estepe* temos a história de dois jovens estudantes, os protagonistas, um angolano e uma mongol,

que são separados por motivos políticos e que somente mais tarde, após longos anos, o reencontro vai permitir que eles retomem a história de amor do passado.

Brilhante fui eu nos exames de fim de liceu. Com tais notas, o meu pai obteve facilmente uma bolsa de estudos da Câmara Municipal para poder continuar. Não havia universidade em Angola, os colonialistas nunca tinham querido, para manterem a terra no atraso, como me tinha explicado o professor de Filosofia. Devia ir para Portugal. A ideia arrepiava-me. Deixar tudo? Não era muito, talvez, mas era tudo. (PEPETELA, 2009, p. 25).

O romance de Pepetela também é narrado em primeira pessoa e cabe ao estudante Júlio Pereira contar a sua história de amor e luta, desde a infância, adolescência, até a vida adulta, em uma sociedade injusta onde impera o colonialismo e todas as formas de racismos contra aqueles que se opõem ao governo, ou, que pensam em igualdade de direitos. Júlio é um angolano branco, de descendência lusitana, portanto, visto e tratado de modo diferente, seja na escola ou no meio social em que frequenta.

Salazar não gostava dos subversivos e Salazar tinha muitos seguidores na cidade. Um dia dois homens com chapéu cinzento na cabeça encostaram-me a um canto do liceu. Então és tu o bolchevique amigo dos pretos...Só percebi uma coisa, me acusavam de ser amigo dos pretos, o resto para mim era chinês. Mas eu não era amigo dos pretos por serem pretos, nem via bem as cores nem as cores têm importância. Era amigo dos meus amigos, isso sim. Eles não entenderam o que tentei explicar. Estamos de olho em ti, vê se tens juízo. (PEPETELA, 2009, p. 21).

Júlio Pereira, após ter vivenciado um intenso momento de formação universitária entre Portugal e Rússia, decisiva para a sua posição intelectual e política na luta pela libertação de Angola, decide narrar a sua própria história. É uma narrativa que mistura amor e política de maneira que é difícil separar as duas esferas no romance, já que todas as decisões são pensadas politicamente.

Dois irmãos e O planalto e a estepe não são narrativas tão distintas. Na primeira, como dissemos, temos a história de uma família libanesa representada por Zana e Halim, que mesmo adotando o Brasil como país escolhido por vontade própria para morar e construir famílias, a terra de origem, o Líbano, não sai do pensamento, e a língua, vez ou outra, torna-se um pedacinho da casa que foi deixada para trás e para onde retornam

quando resolvem reavivar na memória a língua de origem. Na segunda, a motivação de todos os conflitos que se desenvolvem na obra tem caráter político, pois a proibição do amor de Júlio Pereira e Sarangerel perpassa os conflitos que separam os continentes África e Ásia, representados por Angola e Mongólia.

E Sarangerel entrou na minha vida. Nada mais foi como antes. [...] Ela viera da Mongólia, República democrática e Popular, onde tinha estudado o obrigatório russo desde os primeiros anos de escola, e entrou numa faculdade de Leninegrado, hoje de novo São Petersburgo. Pediu mais tarde transferência para Moscovo, por razões não vindo ao caso. Por isso não a tenho visto anteriormente e agora era minha colega. Algo me atraiu, talvez a sua cara redonda, e ousei lhe chamar de Lua Cheia, enquanto fumava um cigarro no recreio e ela se encostava timidamente a uma coluna, observando em redor. (PEPETELA, 2009, p. 49).

O encontro de Júlio e Sarangerel só acontece porque, na verdade, as duas personagens encontram-se deslocadas dos seus lugares de origens, estão em situação de exílio, e é na Rússia que vão se encontrar, uma história que inicia nos corredores da universidade e que se estenderá para outros planos da vida afetiva.

Dessa maneira, objetivando discutir a ideia de deslocamento na literatura contemporânea em língua portuguesa, pretende-se com este estudo desenvolver uma leitura comparada dos romances *Dois irmãos* (2000) e *O planalto e a estepe* (2009), analisando como o exílio é um tema que se encontra presente nas narrativas de Milton Hatoum e Pepetela. Como embasamento teórico e crítico para refletir sobre a temática proposta, traremos uma leitura crítica dos seguintes ensaios: *Reflexões sobre o exílio* (2003) e *Exílio intelectual: expatriados e marginais* (2005), de Edward Said. Além dois ensaios basilares de Said, traremos também outros autores e textos que possam nos auxiliar na construção da escrita deste trabalho.

II - Fendas abertas: apontamentos sobre o exílio

O exílio é um sentimento definido por Edward Said como uma cicatriz ou uma fratura incurável entre o ser e o lugar natal. É um estado de ser descontínuo, uma vida levada fora da ordem habitual, portanto, nômade e descentrada. Para entender essa ideia, logo pensamos que o exilado é aquele que se encontra distante da pátria, do seu lugar de origem e que não consegue se sentir em casa quando está fora dela.

Essa é uma condição que caracteriza o ser contemporâneo, fragmentado e descentrado, como já definiu Stuart Hall (2006), ao refletir sobre a identidade na pós-modernidade. De acordo com Said (2003, p. 46-47), o crítico George Steiner chegou a “propor a tese de que todo um gênero da literatura ocidental do século XX é “extraterritorial”, uma literatura feita por exilados e sobre exilados, símbolo da era do refugiado”.

O exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experienciar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. E, embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heroicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre. (SAID, 2003, p. 46).

Se as realizações do exílio são “permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre”, pensemos naqueles pelos quais foram impossibilitados de um dia retornar para casa, como por exemplo, os exilados da Segunda grande guerra. Não há nada pior que esse sentimento de banimento que mortifica o ser em condição de exílio, além da “dor mutiladora da separação” dos entes queridos e o distanciamento do lar. É evidente que essa definição feita por Said está pensando principalmente em todos aqueles que foram ‘banidos’ da própria terra por motivações principalmente políticas e que tiveram que reaprender a viver em outra pátria que não a sua e, além disso, aprender outra língua.

Podemos afirmar que o ponto inicial para as reflexões do autor acerca do exílio tenha partido de suas próprias experiências pessoais, e a partir de então pensar o social e o político, um palestino que perdeu a pátria e teve de deixar sua terra para construir uma vida inteira fora do lugar, como ele define em sua autobiografia intitulada *Fora do lugar: memórias* (2014).

Mantive por toda a vida essa vaga sensação de muitas identidades – em geral em conflito uma com as outras -, junto com uma aguda lembrança do sentimento de desespero com que eu desejava que fôssemos completamente árabes, ou completamente europeus e americanos, ou completamente cristão ortodoxos, ou completamente muçulmanos, ou completamente egípcios, e assim por diante. (SAID, 2004, p.22).

O conflito pessoal de Said, que fora de sua pátria se tornou um notável professor e crítico literário, considerado um dos mais importantes intelectuais de nosso tempo, é um exemplo que nos serve para refletir sobre o sentimento de não pertencimento a nenhum lugar, portanto, o sentimento de estar *Fora do lugar* torna-se um conflito subjetivo do homem contemporâneo, em que a solidão pode caracterizar tanto uma forma de liberdade como de angústia, conforme aponta o autor.

O exílio é também uma maneira de punição política contemporânea, ou seja, é “uma condição criada para negar a dignidade – e a identidade às pessoas. [...] para tratar o exílio como uma punição política contemporânea é preciso mapear territórios de experiência que se situam para além daqueles cartografados pela própria literatura do exílio” (SAID, 2003, p. 48-49). Assim, se o indivíduo que se encontra em situação de exílio está impedido de conviver com os seus conterrâneos, há um sentimento de não pertencimento que o faz ser diferente e estranho perante os outros, nesse caso, sem identidade, já que “[...] o exílio é uma solidão vivida fora do grupo: a privação sentida por não estar com os outros na habitação comunal”. (SAID, 2003, p. 50). Portanto, a solidão é também um sentimento que faz com que o exilado sinta-se distante e deslocado, uma tristeza essencial por estar afastado do lugar de pertencimento.

Na escala do século XX, o exílio não é compreensível nem do ponto de vista estético, nem do ponto de vista humanista: na melhor das hipóteses, a literatura sobre o exílio objetiva uma angústia e uma condição que a maioria das pessoas raramente experimenta em primeira mão; mas pensar que o exílio é benéfico para essa literatura é banalizar suas mutilações, as perdas que inflige aos que as sofrem, a mudez com que responde a qualquer tentativa de compreendê-lo como “bom para nós”. (SAID, 2003, p. 47).

Nota-se que Edward Said está pensando em todos aqueles que, na escala do século XX, com os governos totalitários, muitos artistas e intelectuais foram exilados dos seus países de origem, quando não, trancafiados em prisões sem ao menos ter o direito e a dignidade de ser tratados humanamente, como aconteceu, por exemplo, com vários escritores e artistas no Brasil e também em Angola. Alfredo Bosi, ao trazer alguns pontos de referências sobre a ficção brasileira entre os anos 70 e 90, afirma que:

[...] as linhas de força que atravessam a ficção brasileira neste fim de milênio, talvez divise, como dado recorrente, certo estilo de narrar brutal, se não intencionalmente brutalista, que difere do ideal de escrita mediado pelo comentário psicológico e pelo gosto das pausas reflexivas

ainda vigentes na “idade de ouro do romance brasileiro” entre os anos 30 e 60. Mas para nós, contemporâneos, é a pluralidade das formas que impressiona à primeira vista e tateamos ainda na procura da estrada real. (2006, p. 434-435).

Ao estudar a ficção contemporânea do Brasil e de Angola, principalmente aquelas produzidas entre as décadas de 60 a 80, percebe-se que são marcadas por um estilo de narrar brutal, em que a literatura é atravessada por questões políticas e sociais do seu tempo. Para o crítico e historiador literário brasileiro, “não sabemos com precisão onde desenhar a linha de corte. Talvez porque o corte se tenha dado em mais de um nível” (BOSI, 2006, p. 435). E no caso do Brasil, “se a nossa história política nos ajuda a estabelecer o divisor das águas, este poderá passar pela fase mais negra da ditadura militar, entre 64 e 74, com toda a sua carga de opressão, exílio e censura” (2006, p. 435), afirma Bosi.

No Brasil, a literatura contemporânea contém relatos e muitos estudos críticos acerca da repressão política e do exílio sofrido por escritores e intelectuais. E em Angola, mencionamos, por exemplo, o ocorrido com Luandino Vieira, que exilado, ficou mais de dez anos aprisionado no Campo de Concentração do Tarrafal, na Ilha de Santiago, em Cabo Verde. Portanto, a literatura e a história do Brasil e de Angola contém, além de vários relatos, muitas criações ficcionais que remetem a esse tempo conturbado na vida de muitos artistas e intelectuais.

Torna-se importante ressaltar que para Said, o exílio, enquanto condição real é também uma condição metafórica, pois:

Para o intelectual, o exílio nesse sentido metafísico é o desassossego, o movimento, a condição de estar sempre irrequieto e causar inquietação nos outros. Não podemos voltar a uma condição anterior, e talvez mais estável, de nos sentirmos em casa; e, infelizmente, nunca podemos chegar por completo à nova casa, nos sentir em harmonia com ela ou com a nova situação. (SAID, 2005, p. 60-61).

Nesse sentido, além da ideia apontada por Said também nos interessa refletir sobre o exílio enquanto uma condição metafórica, um sentimento que caracteriza o deslocamento de todos aqueles que estão distantes da terra de origem, que decidem morar em outro lugar, como por exemplo, as personagens dos romances de Milton Hatoum e Pepetela. Interessa-nos refletir principalmente sobre o sentimento de desassossego e inquietação de determinadas personagens em *Dois irmãos* e em *O planalto e a estepe*.

Em *Dois irmãos* temos os descendentes de libaneses que migram para o Brasil por vontade própria, no entanto, o sentimento de saudade da terra natal é uma inquietação que não os deixam sentir em harmonia no novo país, como acontece com Zana e Halim, que ora ou outra procuram visitar as origens por intermédio da língua materna, o árabe, falado em casa. E também através da cultura e da culinária, que permite um retorno mesmo estando distante: “Coitado! *Ya haram ash-shum!*”, lamentou Zana. “Meu filho foi maltratado naquela aldeia”. (HATOUM, 2000, p. 23). Assim, conforme afirma Said (2003, p. 50), “O exílio, ao contrário do nacionalismo, é fundamentalmente um estado de ser descontínuo. Os exilados estão separados das raízes, da terra natal, do passado”, como acontece com os libaneses Zana e Halim, que mesmo distante não conseguem se desvencilhar do passado e nem se sentem em harmonia com o presente.

Para a matriarca Zana, o Líbano está sempre presente dentro de si como um sentimento de saudade, e em sua casa, a língua, é a expressão maior de nacionalidade e de pertencimento que caracteriza uma origem, a libanesa, e a identidade de um povo. De acordo com Said, o nacionalismo tem associação essencial ao exílio, pois:

O nacionalismo é uma declaração de pertencer a um lugar, a um povo, a uma herança cultural. Ele afirma uma pátria criada por uma comunidade de língua, cultura e costumes e, ao fazê-lo, rechaça o exílio, luta para evitar seus estragos. Com efeito, a interação entre nacionalismo e exílio é como a dialética hegeliana do senhor e do escravo, opostos que informam e constituem um ao outro. Em seus primeiros estágios, todos os nacionalismos se desenvolvem a partir de uma situação de separação. (SAID, 2003. p. 49).

Em *O planalto e a estepe*, o exílio está presente em toda a construção do romance e é uma condição que marca a vida de muitas personagens da obra, pois a grande maioria se encontra em situação de exílio, principalmente os estudantes de vários países africanos que vão para Portugal cursar estudos universitários. E também os que estão na Rússia, obtendo formação acadêmica e ideológica para depois retornarem aos seus países de origem, e qualificados, ingressarem nos movimentos de libertação nacional contra o colonialismo, como acontece com Júlio e seus amigos: “Não parei aí, fui fundear em Coimbra, numa casa de estudantes a que chamavam “república”. [...] Um moçambicano e um cabo-verdiano pelo meio. Com ligações mais ou menos frouxas com companheiros de Lisboa, o centro principal. Pessoas com ideias próximas, sobretudo em relação ao colonialismo, um grupo portanto”. (PEPETELA, 2009, p. 27-28). Após as decepções e

insatisfação na capital lusitana, Júlio Pereira segue para a Rússia, país decisivo para a sua formação acadêmica, política e ideológica.

Curiosamente, os primeiros a me estenderem a mão foram africanos. Um senegalês, um tanzaniano e um congolês. O senegalês e o congolês, indubitavelmente negros, o tanzaniano mais claro um pouco. Para eles eu era camarada. Os europeus olhavam de lado, desconfiados. [...] Quando já podíamos trocar opiniões sobre nós, Salim, o tanzaniano, Moussa, o senegalês, e Jean-Michel, o congolês, resolvemos fazer uma revolução no lar dos estudantes. (PEPETELA, 2009, p. 33-34).

A melhor definição metafórica do exílio, a nosso entender, encontra-se no primeiro capítulo do romance *O planalto e a estepe*, “Os Rochedos da Tundalava”, parte em que Júlio Pereira compara a fenda na montanha com a fenda aberta em sua vida, quando ele deixa a terra amada e parte em viagens para a Europa: “Há gente que não se apercebe de quebras de tempo ou de espaço. Ou da vida. Ali estava uma fenda tão grande como a Tundalava. Mas era uma fenda na minha vida”. (PEPETELA, 2009, p. 26).

A Tundalava é uma montanha cortada ao meio, também conhecida como Fenda da Tundalava, um enorme abismo com cerca de 1200 metros de altura, localizado na província de Huíla, ao Sul de Angola. No romance, é o lugar privilegiado de Júlio e seus amigos em que visitavam sempre aos domingos, após as saídas do catecismo.

Já viram uma montanha cortada a pique, em cima o verde do planalto, em baixo o amarelo do deserto? É quase assim. Só não é exactamente assim porque no meio há o Morro Maluco, o qual corta de verde e castanho o amarelo do deserto, lá embaixo. O deserto leva para o Namibe, o grande Sul que alguns chamaram Kalahari. [...] Não íamos só a fenda da Tundalava aos domingos. (PEPETELA, 2009, p. 15).

Temos então uma possível leitura para o título do romance, a ideia de *planalto*, por Huíla, cidade natal de Júlio e província ao Sul de Angola, localizar-se em uma região montanhosa, que fica no alto, lugar de muitos morros e rochedos, o que também caracteriza um pouco da personalidade da personagem protagonista do romance: “Nasci no meio de rochedos. A casa, porém, era de adobe. Casa de adobe com rochedos à volta. Título de quadro?”. (PEPETELA, 2009, p. 9). Além de ter nascido no planalto, Júlio aprendeu a ser forte como os rochedos da sua terra para enfrentar as muitas pedras que aparecem em seu caminho: “Vivi com muitas pedras à minha volta. É bom ter pedras na vida. Sobretudo lembrar as que se teve”. (PEPETELA, 2009, p. 15).

O oposto do planalto é a *estepe*, uma vegetação de planície rasteira, baixa e que pode ser encontrada em partes da Europa, na África e também na Ásia, como por exemplo, na Mongólia, terra natal da personagem Sarangerel, o grande amor de Júlio. Assim, é nessa rota que liga África e Ásia, o *planalto* e a *estepe*, que acontece o encontro das duas personagens protagonistas do romance de Pepetela.

Em *Dois irmãos*, além dos sentimentos de angústia e saudade que perturbam a matriarca Zana por viver longe das suas origens, outra manifestação do exílio acontece com a personagem Yaqub, o filho gêmeo de Zana. Por motivações de intrigas familiares, após a trágica briga entre os irmãos que culmina em um corte feito pelo caçula Omar no rosto de Yaqub, os pais decidem exilar o filho enviando-o para o Líbano sem que ao menos Yaqub tenha a chance de fazer as suas próprias escolhas.

Quando Yaqub chegou do Líbano, o pai foi buscá-lo no Rio de Janeiro. [...] Ele avistou o filho no portaló do navio que acabara de chegar de Marselha. Não era mais o menino, mas o rapaz que passara cinco dos seus dezoito anos no sul do Líbano. [...] Yaqub havia esticado alguns palmos. E à medida que se aproximava do cais, o pai comparava o corpo do filho recém-chegado com a imagem que construía durante os anos da separação. (HATOUM, 2000, p. 13).

O distanciamento forçado da família se torna uma cicatriz incurável na vida de Yaqub, primeiro, porque jamais consegue superar a dor da separação dos seus familiares, amigos e também da amada, e segundo, por ter sido apenas ele o exilado. E por que o exilado não foi o causador do corte em seu rosto? Omar, apesar de não ter sido punido pelo seu ato é, além disso, o escolhido e protegido de Zana, que não permitiu com que Halim enviasse-o também para o Líbano: “Halim queria mandar os dois para o sul do Líbano. Zana relutou, e conseguiu persuadir o marido a mandar apenas Yaqub. Durante anos Omar é tratado como filho único, o único menino”. (HATOUM, 2000, p. 12). Tal decisão permitiu com que Omar fosse criado como filho único, obtendo todos os mimos da matriarca, e Yaqub, durante os anos que esteve ausente, apenas Halim, o pai, sentiu a sua falta na família, por isso o retorno foi um momento tão esperado.

Halim acenou com as duas mãos, mas o filho demorou a reconhecer aquele homem vestido de branco, um pouco mais baixo do que ele. Por pouco não esquecer o rosto do pai e o pai por inteiro. Apreensivo, ele se aproximou do moço, os dois se entreolharam e ele, o filho,

perguntou: “Baba?”. E depois os quatro beijos no rosto, o abraço demorado, as saudações em árabe. (HATOUM, 2000, p. 14).

O retorno de Yaqub não significa que a mágoa por ter sido afastado da família foi esquecida com tempo, pelo contrário, o exílio de cinco anos em terras distantes se transforma em uma cicatriz invisível e incurável que ele carrega em seu íntimo, uma marca que não será apagada da sua vida: “O que mais preocupava Halim era a separação dos gêmeos, “porque nunca se sabe como vão reagir depois...” Ele nunca deixou de pensar no reencontro dos filhos, no convívio após a longa separação”. (HATOUM, 2000, p. 15). No tempo em que viveu no Líbano, Yaqub adquiriu novos comportamentos, outros hábitos culturais e também retornou para o Brasil falando árabe.

Na Cinelândia sentaram-se à mesa de um bar, e no meio do burburinho Yaqub abriu o farnel e tirou um embrulho, e o pai viu pães embolorados e uma caixa de figos secos. Só isso trouxera do Líbano? Nenhuma carta? Nenhum presente? Não, não havia mais nada no farnel, nem roupa nem presente, nada! Então Yaqub explicou em árabe que o tio, o irmão do pai, não queria que ele voltasse para o Brasil. (HATOUM, 2000, p. 14).

O tempo de vivência no Líbano foi decisivo para proporcionar certas mudanças em Yaqub, aprendeu a conviver com a saudade do Brasil e adquiriu novos hábitos culturais, além de obter uma segunda língua, o que permitiu a ele aproximar-se das origens e também trocar algumas frases em árabe com a mãe Zana, que nunca se afastou por completo das origens identitárias. A presença do Líbano se manifesta constantemente na vida das personagens do romance *Dois irmãos*, que mesmo estando no Brasil, têm que aprender a lidar com novas configurações identitárias. Assim, se “O *páthos* do exílio está na perda de contato com a solidez e a satisfação da terra: voltar para o lar está fora de questão”. (SAID, 2003, p. 52). Portanto, há uma necessidade do exilado de reconstruir a identidade a partir de refrações e descontinuidades já que a vida exige continuidade.

Em *O planalto e a estepe*, os deslocamentos de Júlio pelas terras distantes de Angola são decisivos em sua vida pessoal, acadêmica, amorosa e principalmente política, pois aprendeu novos valores culturais e adquiriu outras línguas. O exílio vivido na Europa permitiu a ele entender que não é mais possível sentir-se em harmonia mesmo estando em casa, já que o desassossego é um sentimento que move o ser contemporâneo fazendo-

o não sentir-se tranquilo em qualquer lugar que esteja, pois “o exílio jamais se configura como o estado de estar satisfeito, plácido ou seguro” (SAID, 2003, p. 60).

Portanto, o deslocamento é um tema que se encontra presente na produção literária de Milton Hatoum e Pepetela, mas que podemos também encontrar em grande parte da ficção contemporânea e que faz de muitas personagens seres fragmentados. Assim, viver fora do lugar é uma condição marcada pela vida nômade e itinerante, levada fora da ordem habitual, características que definem o sentimento de exílio nos romances analisados.

Referências

ABDALA JUNIOR, B. **De vôos e ilhas: literatura e comunitarismos**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOSI, A. **História concisa da Literatura Brasileira**. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CHAVES, R. **Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

CHAVES, R. e MACÊDO, T. **Portanto...Pepetela**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

HALL, STUART. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HATOUM, M. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **Relato de um certo oriente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

PEPETELA. **O planalto e a estepe**. São Paulo: Leya, 2009.

_____. **A geração da utopia**. São Paulo: Leya, 2013.

SAID, E. Reflexões sobre o exílio. In: **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. (p. 46-60).

_____. Exílio intelectual: expatriados e marginais. In: **Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993**. Tradução de Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. (p. 55-70).

_____. **Fora do lugar: memórias**. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.